

## **OFICINA DOS ALUNOS DA ESCOLA ABERTA**

Coordenador: SIMONE MAINIERI PAULON

Autor: Alexei Conte Indursky

O núcleo de Relações Comunitárias do Centro Universitário UniRitter vem estudando nos últimos dois anos a temática da Violência Doméstica dentro do âmbito mais amplo dos Direitos Humanos. Entende-se como fundamental a articulação desse estudo com ações de extensão universitária, pois partindo de uma abordagem construtivista, a troca de saberes entre a academia e comunidade é uma etapa fundamental na construção da aprendizagem de ambos. Somente poderemos falar de Direitos Fundamentais para crianças e adolescentes, uma vez que nos aproximarmos da realidade destes e soubermos de quais direitos eles estão alienados, enquanto sujeitos que a lei prevê. Tendo em vista a filosofia de funcionamento da Escola Aberta, procura-se uma aliança específica com esta, por entender que a demanda de trabalho que lhe é reservada aproxima-se de um alvo possível para nosso trabalho: crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco. O objetivo geral proposto para essa aliança justifica-se a partir do momento, em que o núcleo avaliou como fundamental, não apenas uma restituição constante do trabalho que estaria sendo feito dentro de oficinas para os professores, mas também um módulo de reuniões coletivas com os professores para debate e estudo de temáticas decididas durante o mesmo. A duração desta ação é de Maio à Novembro de 2008. Os objetivos gerais são: -Propiciar um espaço de debate e produção artística com os alunos da Escola Aberta, referente a Direitos fundamentais, Estatuto da Criança e Adolescente, Lei Maria da Penha e Violência Doméstica;- Construção de um espaço de debate e estudo coletivo entre os professores e funcionários da Escola Aberta e os componentes do Núcleo de Relações Comunitária da Uniritter. Temos como objetivo específico a produção de um trabalho final feito dentro da oficina que possa ser apresentado para os professores, e inclusive aos outros alunos da escola, como forma de expressão e autoria daquilo que os alunos experienciaram durante a oficina. Momento conjugado de restituindo à escola da produção realizada nesse espaço e avaliação do produto. O primeiro passo da metodologia é a construção de uma abordagem construtivista. Iniciaremos uma linha de debate com os alunos sobre as diversas realidades das quais viemos. Proporemos assim um choque de culturas e morais estranhas umas as outras. A medida que começarem a se expressar as diferentes vivências e conhecimentos sobre o que é ser uma criança/adolescente sujeito de direito e deveres, mas que possui toda

uma carga de experiências de proximidade com a realidade sua comunidade, possamos delinear o que, e como iremos estudar essas temáticas. Opta-se assim por desenvolver o projeto juntamente com os alunos, em detrimento de uma postura clássica de intervenção, na qual a universidade entraria com o conhecimento técnico sobre as questões que deveriam ser apreendidas pelos alunos e estes colocados numa posição de passividade frente a nossa iniciativa. No entanto, deixamos claro, que essa abordagem não significa que não possuamos uma intenção com respeito a esse tipo de abordagem. Nossa intenção é provocar o estranhamento de nossas diferenças, e que possamos pensá-las através daquilo que nos liga a todos nesse encontro: a escola aberta. Isso significa dizer que usaremos o terreno da própria escola para que possamos falar sobre nós, sobre o que significa ser adolescente na escola aberta, sobre o que significa estar indo até a escola aberta para fazer uma oficina. O que acontece ali, como eles vão até a escola aberta, aquilo que implica viver nesse território será aproveitado para que se construa um vínculo inicial entre os participantes.